

2.800 toneladas e que destroe, fatalmente, o alvo objetivado e atingido; metralhadoras elétricas, comodas e velozes, de tiros rápidos, graças ao sistema rotativo; canhões anti-aéreos, oferecendo capacidade para o tiro vertical de 15.000 metros... A Terra é um vasto pandemônio de armas, de infantarias e munições... Percorri todas as cidades, todas as organizações e todos os lares, improficiamente!..."

A essa altura, quando a confusão de vozes se estabelecia no recinto iluminado, onde se reuniam as falanges espirituais do Infinito, o Gênio da Verdade que era o supremo diretor dêsse conclave angelico dos espaços, exclamou gravemente:

— "Calai-vos, meus irmãos!... Ninguém, na Terra, poderá colocar outro fundamento a não ser o de Jesus Cristo. A evolução moral dos homens será paga com os mais penosos tributos de sangue das suas experiências. As criaturas humanas conhecerão a fome, a miseria, a nudez, a carnificina e o cansaço, para aprenderem no amor d'Aquele que é o Jardineiro Divino, dos seus corações; transformarão as suas cidades prestigiosas em ossuários apodrecidos para saberem erguer os monumentos projetados no Evangelho do Divino Mestre. Chega de mensagens, de arautos e mensageiros... No fumo negro da guerra, o homem terá a vi-

são deslumbradora da luz maravilhosa dos planos divinos!..."

E depois de uma pausa, cheia de comoção e de lágrimas, no espírito de todos os presentes, a lúcida entidade sintetizou:

— "Nunca haverá paz no mundo sem a Verdade!..."

E, enquanto as aves celestes voejavam nas atmosferas radiosas e eterizadas do infinito e a luz embriagava todas as criaturas e todas as coisas, num turbilhão de claridades e de perfumes, ouviu-se uma voz indefinível, bradando na imensidão:

— "Ninguém, na Terra, pôde lançar outro fundamento além daquele que foi posto por Jesus Cristo!"

E, confundida numa luz imensa e maravilhosa, a grande assembléia da Paz foi dissolvida.

2 de Janeiro de 1937.

SÓCRATES

Foi no Instituto Celeste de Pitágoras (1) que vim encontrar, nestes últimos tempos, a

(1) Nome convencional para figurar-se os centros de grandes reuniões espirituais no plano invisível. — O autor.

figura veneranda de Sócrates, o ilustre filho de Sofrônisco e Fenareta.

A reunião, nesse castelo luminoso dos planos erráticos, era, nesse dia, dedicada a todos os estudiosos vindos da Terra longinqua. A paisagem exterior, formada na base de substâncias imponderaveis para as ciencias terrestres da atualidade, recordava a antiga Hélade, cheia de aromas, sonoridade e melodias. Um sólo de neblinas evanescentes evocava as terras suaves e encantadoras, onde as tribus jónias e eólias localizaram a sua habitação, organizando a patria de Orfeu, cheia de Deuses e de harmonias. Arvores bizarras e floridas enfeitavam o ambiente de surpresas cariciosas, lembrando os antigos bosques da Tessalia, onde Pan se fazia ouvir com as cantilena de sua flauta, protegendo os rebanhos, junto das frondes vetustas que eram as liras dos ventos brandos, cantando as melodias da natureza.

O palacio consagrado a Pitágoras tinha um aspetto de severa beleza, com as suas colunas gregas á maneira das maravilhosas edificações da gloriosa Atenas do passado.

Lá dentro, agasalhava-se toda uma multidão de Espíritos, ávidos da palavra esclarecida do grande mestre, que os cidadãos atenienses haviam condenado á morte, 399 anos antes de Jesus Cristo.

Ali se reuniam vultos venerados pela filo-

sofia e pela ciencia de todas as épocas humanas, Terpandro, Tucídides, Lísia, Esquines, Filolau, Timeu, Simias, Anaxágoras e muitas outras figuras respeitaveis da sabedoria dos homens.

Admirei-me, porém, de não encontrar ali nem os discípulos do sublime filósofo ateniense, nem os juizes que o condenaram á morte. A ausencia de Platão a esse conclave do Infinito impressionava-me o pensamento, quando, na tribuna de claridades divinas, materializou-se, aos nossos olhos, o vulto venerando da filosofia de todos os séculos. Da sua figura irradiava-se uma onda de luz, levemente azulada, enchendo o recinto de uma vibração desconhecida, de uma paz suave e brande. Grandes madeixas de cabelos alvos de neve molduravam-lhe o semblante jovial e tranquilo, onde os olhos brilhavam infinitamente cheios de serenidade, alegria e doçura.

As palavras de Sócrates contornaram as teses mais sublimes, porém, inacessíveis ao entendimento das criaturas atuais, tal a transcendência dos seus profundos raciocínios. Á maneira das suas lições, nas praças públicas de Atenas, falou-nos da mais avançada sabedoria espiritual, através de inquirições que nos conduziam ao âmago dos assuntos; discorreu sobre a liberdade dos seres nos planos divinos que constituem a sua atual morada e dos grandes

conhecimentos que esperam a humanidade terrestre no seu futuro espiritual.

É verdade que não posso transmitir aos meus companheiros terrenos a expressão exata dos seus ensinamentos, estribados na mais elevada das justiças, levando-se em conta a grandeza dos seus conceitos incompreensíveis para as ideologias das patrias no mundo atual, mas, ansioso de oferecer uma palavra do grande mestre do passado aos meus irmãos, não mais pelas visceras do corpo e sim pelos laços afetivos da alma, atrevi-me a aborda-lo:

— Mestre, disse eu, venho recentemente da Terra distante, para onde encontro possibilidade de mandar o vosso pensamento. Desejarieis enviar para o mundo as vossas mensagens benevolentes e sábias ?

— Seria inutil — respondeu-me bondosamente — os homens da Terra ainda não se reconheceram a si mesmos. Ainda são cidadãos da patria, sem serem irmãos entre si. Marcham uns contra os outros, ao som de musicas guerreiras e sob a proteção de estandartes que os desunem, aniquilando-lhes os mais nobres sentimentos de humanidade.

— Mas... — retorqui — lá no mundo, ha uma élite de filósofos que se sentiriam orgulhosos de vos ouvir !...

— Mesmo entre êles, as nossas verdades não seriam reconhecidas. Quasi todos estão

com o pensamento cristalizado no ataúde das escolas. Para todos os espíritos, o progresso reside na experiência. A historia não vos fala do suicídio orgulhoso de Empédocles de Agrigento, nas lavas do Etna, para proporcionar aos seus contemporaneos a falsa impressão de sua ascensão para os céus ? Quasi todos os estudiosos da Terra são assim; o mal de todos é o enfatizado convencimento de sabedoria. Nossas lições valem sómente como roteiro de coragem para cada um, nos grandes momentos da experiência individual, quasi sempre difícil e dolorosa.

Não crucificaram, por lá, o Filho de Deus que lhes oferecia a sua vida, para que conhecessem e praticassem a Verdade ? O pórtico da pitonisa de Delfos está cheio de atualidade para o mundo. Nosso projeto de difundir a felicidade na Terra só terá realização, quando os Espíritos aí encarnados deixarem de ser cidadãos, para serem homens conscientes de si mesmos. Os Estados e as Leis são invenções puramente humanas, justificáveis, em virtude da heterogeneidade com respeito à posição evolutiva das criaturas; mas, enquanto existirem, sobrará a certeza de que o homem não se descobriu a si mesmo, para viver a existencia espontânea e feliz, em comunhão com as disposições divinas da natureza espiritual. A huma-

nidade está muito longe de compreender essa fraternidade no campo sociológico."

Impressionado com essas respostas, continuei a interrogá-lo:

— "Apesar dos milenios decorridos, tendes a exprimir alguma reflexão aos homens, quanto á reparação do êrro que cometem, condenando-vos á morte ?"

— "De modo algum. Meletos e outros acusadores estavam no papel que lhes competia, e a ação que provocaram contra mim nos tribunais atenienses só podia valorizar os princípios da filosofia do bem e da liberdade que as vozes do Alto me inspiravam, para que eu fôsse um dos colaboradores na obra de quantos precederam, no planeta, o pensamento e o exemplo vivo de Jesus Cristo. Se me condenaram á morte, os meus juizes estavam igualmente condenados pela natureza; e, até hoje, enquanto a criatura humana não descobrir a si mesma, os seus destinos e as suas obras serão patrimônios da dor e da morte."

— "Poderieis dizer algo sobre a obra dos vossos discípulos ?"

— "Perfeitamente, respondeu-me o sabio ilustre, é de lamentar as observações mal avisadas de Xenofonte, lamentando eu, igualmente, que Platão, não obstante a sua coragem e o seu heroísmo, não haja representado fielmente a minha palavra, junto dos nossos contemporâneos e dos nossos pósteros. A historia admirou na sua apologia os discursos sabios e bem feitos, mas a minha palavra não entoaria ladaínhas laudatorias aos politicos da época, e nem se desviaria para as afirmações dogmáticas no terreno metafísico. Viví com a minha verdade para morrer com ela. Louvo, todavia, a Antistenes, que falou com mais imparcialidade a meu respeito, de minha personalidade que sempre se reconheceu insuficiente. Julgaveis então que me abalançasse, nos ultimos instantes da vida, a recomendações no sentido de que se pagasse um galo a Esculapio ? Semelhante expressão, a mim atribuída, constitue a mais incompreensível das ironias."

— "Mestre, e o mundo ?" — exclamei.

— "O mundo atual é a semente do mundo paradisiaco do futuro. Não tenhais pressa. Mergulhando-me no labirinto da historia, parece-me que as lutas de Atenas e Esparta, as glórias do Partenon, os esplendores do século de Péricles são acontecimentos de ha poucos dias; entretanto, soldados espartanos e atenienses, censores, juizes, tribunais, monumentos politicos da cidade, que foi minha patria, estão hoje reduzidos a um punhado de cinzas !... A nossa unica realidade é a vida do Espírito."

— "Não vos tentaria alguma missão de amor na face do orbe terrestre, dentro dos grandes objetivos da regeneração humana ?"

— “Nossa tarefa, para que os homens se persuadam com respeito á verdade, deve ser toda indireta. O homem terá de realizar-se interiormente pelo trabalho perseverante, sem o que todo o esfôrço dos mestres não passará do terreno do puro verbalismo.”

E, como se estivesse concentrado em si mesmo, o grande filósofo sentenciou:

— “As criaturas humanas ainda não estão preparadas para o amor e para a liberdade... Durante muitos anos, ainda, todos os discípulos da Verdade terão de morrer muitas vezes !...”

E, enquanto o ilustre sabio ateniense se retirava do recinto, junto de Anaxágoras, dei por terminada a preciosa e rara entrevista.

7 de Janeiro de 1937.

ESCREVENDO A JESUS

Meu Senhor Jesus.— Dirijo-vos esta carta, quasi como nos ultimos tempos em que o fazia na Terra, fechado nas perplexidades da incompreensão. Muitas vezes imaginei que estivesseis acessível á visão de todos aqueles que se evadem do mundo pela porta escura da Morte, afim de premiar os bons e punir pessoalmente os culpados, como os modernos chefes de Es-

tado, que distribuem medalhas de honra nas datas festivas e exaram sentenças condenatorias em seus gabinetes.

Mas, não é assim, Senhor ! Todas as ingenuas e doces concepções do catolicismo se esfumaram na minha imaginação. A morte não faz de um homem um anjo; amontâ-nos, aos magotes, onde possa caber toda a imensidão das nossas fraquezas e aí, na contemplação das nossas realidades e das nossas misérias, descerra um fragmento dos véus do seu grande misterio. Então, sentimo-nos reconfiados pela esperança e basta esse raio de luz para que sejamos deslumbrados na vossa gloria.

Se é verdade que não vos buscavamos nos caminhos da Terra, não era justo que nos viesseis esperar á porta do Céu.

Todavia, Senhor, não é para reprovar o meu passado, no mundo, que vos dirijo esta carta. É para vos contar que os homens vão reviver novamente a tragedia da vossa morte. Muitos judeus influentes promovem na atualidade uma ação tendente a esclarecer o processo que motivou a vossa condenação. É verdade que esses movimentos tardios, para apurar os erros do pasado, não são novos. Joana d'Arc foi canonizada após a calunia, o martirio e o vilipendio e, ainda agora, no Brasil, foi revisado o processo que fizera de Pontes Visgueiro um monstro nefando, movimento esse que lhe